

A crise ambiental: um breve resgate

Maria Beatriz Junqueira Bernardes – Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFU – mbeatriz@uber.com.br

Valéria Guimarães de Freitas Nehme – Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia – vgfnehme@bol.com.br

Marlene T. de Munro Colesanti – Professora Dra. do curso de Pós-Graduação em Geografia da UFU – muno@ufu.br.

Resumo

Somos fruto de uma cultura que tem como mito de desenvolvimento o crescimento ininterrupto e ilimitado. Vivemos uma crise, mas não somente de caráter econômico, social ou moral e ela não se restringe a um país ou a uma determinada classe social. Encontramo-nos diante de um desafio o de saber decidir e discernir, o de superar de modo criativo esse momento para que possamos alcançar um novo patamar de pensamento e ação, uma outra maneira de experienciar o mundo. A escola tem importância primordial, pois a sociedade requer indivíduos com capacidade de intervenção na realidade global e complexa. Teremos que adequar a educação, em seu conjunto, aos princípios do paradigma da complexidade, pois o procedimento analítico fundamentou por mais de século todo o ensino. Com uma visão mais abrangente, o todo é além da soma das partes. O conhecimento das partes não é suficiente para conhecer o todo e o conhecimento do todo, não pode ser isolado do conhecimento das partes. A tarefa da Geografia juntamente com Educação Ambiental perpassa pela necessidade urgente da tomada de consciência, pois somos componentes de uma mesma comunidade, desde o organismo mais simples ao mais complexo.

Palavras-chaves: Educação, meio ambiente, desenvolvimento.

Abstract

The environmental crises: a little comentary

The culture of human beings has a myth: the development of the growth in a way that it is continuous and unlimited. The crises that is presented in the type of life men take part, but not only the economical, social or moral aspect and this crisis isn't related to a single country or to a certain social class. It is presented to the world the knowledge of the challenging which relates decision and distinction in order to overcome, using creativity this moment to become reality a new type of thinking and action, a new way of facing the world. The school has fundamental importance, since the society requires people able to make interventions in the global and complex reality. It is necessary to adequate the education in its group the origin of the paradigm of the complexity, so the analytical process were used as basis for more than a century in the teaching. With the vision more wide, everything is beyond its amount of parts. Knowledge the part is not enough knowing everything and the knowledge of it, can not be isolated of the knowledge of the parts. Men are members of the same community.

Keys-words: Education, environment, development, Geography

Introdução

Os séculos passados produziram inúmeros eventos de importância extraordinária tanto na teoria do conhecimento, como no modelo vigente e foi marcado também pelo definhamento do paradigma cartesiano-newtoniano e com forte tendência a ser substituído por uma visão de mundo integradora, conjuntiva e holística.

Os filósofos pré-socráticos pensavam o ser a partir da *physis* e chegavam a uma compreensão da totalidade do real: do cosmos, dos deuses e das coisas particulares, do homem e da verdade, do movimento e da mudança, da justiça da sabedoria. A influência judaico-cristã – oposição homem-natureza e espírito-matéria adquiriu maior dimensão. Com o Cristianismo, Deus subiu ao céu e era considerado um Deus perfeito e mundo era imperfeito.

Até por volta de 1500, a visão de mundo era marcada por poucos conflitos. Na Europa as pessoas viviam em comunidades pequenas e coesas e tinham uma relação com a natureza bastante harmoniosa que assentava-se na autoridade de Aristóteles e da Igreja, que permaneceu constante até a Idade Média. Já na Idade Média a riqueza dos senhores feudais e da Igreja é a terra.

...“A idéia aristotélica de natureza como algo animado e vivo, na qual as espécies procuram realizar seus fins naturais, é substituída pela idéia de uma natureza sem vida e mecânica. A natureza de cores, tamanhos, sons, cheiros e toques é substituída por um mundo ‘sem qualidades’.”(GRÜN, 1996)

De maneira sucinta podemos dizer que na Idade Média existiam pequenas comunidades vivendo harmoniosamente com a Natureza e o tempo pertencia a Deus. A visão de mundo dominante na época era Teocêntrica, ou seja, Deus era o centro.

Algumas mudanças revolucionaram o mundo nesse momento, trata-se em especial da Física e da Astronomia. Revelações de Copérnico, Galileu e Newton - a noção de Universo orgânico, vivo e espiritual foi substituída pela noção do mundo como se fosse uma máquina. Com Nicolau Copérnico, a Terra passou a ser mais um planeta, deixou de ser o centro. Com Galileu Galilei e sua abordagem empírica, a experiência tornou-se a única fonte de conhecimento e para explicar os fenômenos da natureza utilizou-se a matemática. Francis Bacon teve também importante papel. Segundo ele, o método empírico deveria ser utilizado na ciência, cujo objetivo seria o de dominar e controlar a natureza extraindo dela tudo que ela pudesse oferecer. O René Descartes, criador do método analítico, enfatizou que a certeza do conhecimento científico seria obtida pela intuição e dedução, o que levou-nos à fragmentação do nosso pensamento e à atitude generalizada do reducionismo da ciência. Enfatizou a oposição entre: Homem/Natureza; Sujeito/Objeto; Espírito/Matéria. O Homem senhor de todas as coisas; senhor de seu destino estava no centro - antropocentrismo - que por sua vez, passou a ser vinculado ao mercantilismo. Para o homem possuidor da natureza, todos os conhecimentos deveriam ser úteis à vida e a natureza passou a ser vista como recurso, como meio para se atingir um fim. O Pensamento cartesiano é utilitarista e a natureza não é mais vista como deus e assim poderá ser utilizada e até mesmo esquarterada.

Temos o esboço do que seria a sociedade neste contexto e também a educação a partir de então.

No século XIX, tivemos o triunfo do mundo pragmático, ou seja, a natureza cada vez mais objeto a ser possuído. A Ciência se subdividiu em: Física, Química e Biologia e o Homem: Economia, Sociologia, Psicologia, História, etc, pois o saber pragmático enfatizava o valor de uso. Assim, a divisão social e técnica faziam parte do mundo concreto dos homens e não pensar de modo fragmentado, dicotomizado passa a ser cada vez mais difícil. A idéia de natureza objetiva e exterior ao homem aí, pressupõe a idéia de homem não-natural e fora da natureza. Com o predomínio de uma natureza morta, a serviço e ao dispor da vontade e desejo humano.

Segundo o pensamento moderno, o "poder" do homem decorre do seu "saber"; trata-se de um pensamento de origem iluminista, que foi acentuado pelo Positivismo, interessado na dominação da natureza e dos homens. O pensamento positivista entendia que o mundo natural e o mundo moral derivam de uma única e mesma substância e defendia que um único método científico permitiria trabalhar os dois grupos de ciências. Não aceitou que as ciências humanas possuíssem especificidades que requeressem um método de estudo próprio.

Com a Revolução Industrial intensificou-se a dominação da natureza e o homem é visto como não-natureza. Explica-se a dominação do homem pelo homem.

2 - O reflexo do pensamento cartesiano são visíveis no século XX

Nos últimos anos, os impactos sociais e ecológicos da globalização têm sido um tema recorrente. As atividades econômicas estão produzindo uma multiplicidade de conseqüências desastrosas como desigualdade social, o fim da democracia, a deterioração rápida e extensa do ambiente natural, o aumento da pobreza e a alienação. Está evidente assim que o modelo econômico adotado, na forma atual é insustentável. Nós, seres humanos, pertencemos a duas comunidades: todos somos membros da raça humana e todos fazemos parte da biosfera global.

A década de 60 foi marcada por uma série de movimentos sociais como ecológico e com forte crítica ao modo de produção e ao modo de vida.

Foi possível constatar que a década de 70 a grande preocupação era com a exaustão dos recursos naturais, poluição, etc e os aspectos sociais infelizmente, não eram considerados e muito menos mencionados.

As últimas décadas vêm registrando uma profunda crise mundial que tem afetado a nossa vida com um todo, a nossa saúde, o nosso modo de vida, a qualidade do meio ambiente, enfim todas as dimensões da sociedade, pois trata-se de uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais. A raça humana está ameaçada assim como toda a vida no planeta. A ameaça refere-se à uma catástrofe nuclear que compromete o

ecossistema global e a futura evolução da vida na Terra, mas cabe ressaltar que a superpopulação e a tecnologia industrial têm contribuído de várias maneiras para uma grave deterioração do meio ambiente natural do qual dependemos totalmente. É possível identificar que além da poluição atmosférica, a nossa saúde também é ameaçada pela água e pelos alimentos.

O envenenamento químico parece ser algo tão natural, pois está presente em nosso cotidiano. A nossa saúde está ameaçada pela poluição do ar, da água e dos alimentos e que são causados pelos efeitos diretos e óbvios da tecnologia humana sobre o meio ambiente natural. Pode-se observar que a tecnologia está perturbando e até mesmo o sistema ecológico.

Identificar instrumentos tecnológicos adequados para a construção da sustentabilidade exige, de antemão, observar a relação existente entre a tecnologia e ciência quanto aos aspectos de forma (método) e conteúdo e não-neutralidade presente na construção do conhecimento. É importante recordar que a ciência é feita por homens e mulheres, com suas virtudes e seus defeitos, não sendo, portanto, infalível e estando em permanente construção (SENRA, 2001, p. 162) VIANA(EA)

As transformações atuais poderão ser mais drásticas em função das mudanças serem mais rápidas e amplas envolve o globo inteiro. A crise atual não se limita ao indivíduos, governos ou instituições sociais envolvendo dimensões planetárias. A Crise Ambiental é a leitura da crise de nossa sociedade.

Como já mencionado anteriormente, a Crise Ambiental afeta nossa vida saúde, modo de vida, qualidade do Meio Ambiente e afeta todas as dimensões da sociedade e essa crise entende-se a todas as dimensões humanas como as Intelectuais, morais e espirituais...

A Sociedade cria cultura, institui uma idéia de natureza que por sua vez, nada mais é do que uma criação humana, pois cria pilares estabelecendo relações materiais, produção material, espirituais e culturais. Assim, toda cultura só faz sentido para quem nela vive. Para nós a natureza é vista e entendida como algo que pode ser dominado e submetido ao homem, evidenciando reflexos do pensamento cartesiano.

Infelizmente, a questão ambiental é reflexo da relação da sociedade com a natureza e dos homens entre si e conseqüentemente a degradação ambiental é fruto de um conjunto de padrões culturais construídos.

Os problemas ambientais são graves e exigem respostas imediatas e precisam ser encarados como responsabilidade de todos os indivíduos. Fica evidente assim, a causa da degradação ambiental, pois vivemos sob a égide da ética antropocêntrica, ou seja homem é o centro de todas as coisas.

É com muita segurança que podemos afirmar que o nosso modelo de “desenvolvimento” produz por um lado a exclusão social e consumo, a primeira gera a miséria e a fome, e o segundo, o desperdício, causando a degradação ambiental que leva

à perda da qualidade de vida e conseqüentemente a perda da qualidade da experiência humana.

Nos deparamos, com um a sociedade dita Ocidental que se proclama portadora dos valores humanísticos, no entanto seus valores reais são bem outros: o progresso material é mais importante que o desenvolvimento dos padrões culturais e espirituais. Em outras palavras, acima do homem está o dinheiro; mais vale o ter do que o ser. O que significa dizer que o homem é medido, é avaliado e julgado pelo que aparenta e pelo que tem, e não pelo realmente é. Portanto, nossa sociedade tenta camuflar seus reais valores atrás de um discurso em evidencia a bandeira do humanismo. Essa situação antagônica é que gera a crise, os dois tipos de valores não podem coexistir. A crise é sem dúvida de caráter filosófico, o que realmente está em crise, é a Filosofia, isto é, a própria concepção de homem, de mundo, de vida.

Se a sociedade como um todo, na situação conflitante em que se encontra, frente a valores tão contraditórios, não souber ou não quiser equacionar o problema, cabe a nós, educadores, mesmo que individualmente, cada um em sua sala de aula, com seu grupo de alunos, traçar o rumo a seguir e encontrar a melhor forma de agir para a consecução do ideal a ser atingido. Educação deveria ter o intuito de reorientar as premissas do agir humano em relação ao seu Meio Ambiente.

3 - O Meio Ambiente e alguns conceitos de Educação Ambiental

Até 1975, o conceito de Ambiente era formado pela fauna, flora e aspectos abióticos (salinidade, ph, temperatura, radiação solar, solo, etc), a partir da conferência de Estocolmo o Meio Ambiente passou a ser considerado pelos aspectos bióticos, abióticos e a cultura do ser humano (tecnologia, artefatos, construções, artes, religiões, valores estéticos, morais, ética, política, economia, etc).

Existe um grande consenso de que o conceito de meio ambiente deva abranger uma totalidade que inclui os aspectos naturais e os resultantes das atividades humanas, sendo assim o resultado da interação de fatores biológicos, sociais, físicos, econômicos e culturais. Entretanto uma leitura mais atenta de diversos artigos e projetos que se referem à questão ambiental possibilita interpretações que revelam um universo potencialmente contraditório com este conceito amplo. (BRÜGGER, p.53)

Diante de tais circunstâncias, o meio ambiente é tudo e sua qualidade depende somente de nossa responsabilidade, de nosso agir, nesse contexto cabe ressaltar a importância de Educação Ambiental, como prática individual e coletiva e também com ênfase e um trabalho interdisciplinar.

A Educação Ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente. Nesse sentido, contribui para a tentativa de implementação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza...(LOUREIRO, 2002, p. 69)

A educação ambiental perpassa por uma necessidade da sociedade atual, mas sua continuidade depende da pertinência das nossas respostas aos desafios que surgem nas escolas, nas florestas, nos sindicatos, nas empresas, nas universidades, nos museus, nas ruas, etc para que se torne intrínseca em nosso dia-a-dia. (REIGOTA)

Cabe ressaltar que a Educação Ambiental perpassa por todos os segmentos da sociedade e deverá ser uma prática intrínseca dos seres humanos e com o sentimento de pertencimento tanto com o local de sua prática, como em escala planetária, pois os reflexos de nossas ações repercutem em todos os confins da Terra.

“O modelo explicativo advindo do cartesianismo simplesmente nos impede abordar a crise ecológica em sua forma necessariamente multifacetada. Assim, nossa linguagem é disruptiva e explicativa, enquanto que o que precisamos é de uma linguagem integrativa e compreensiva. Nosso discurso é reducionista, ao passo que necessitamos de uma abordagem complexa. Qualquer pedagogia ou currículo que não levar isso em conta em muito pouco contribuirá para educar cidadãos capazes de interferir na realidade política da crise ambiental. O que tem acontecido com frequência é que não temos sequer condições discursivas de apreender e interpretar as crises ambientais em sua complexidade e em sua dimensão histórica, ética e política.”(GRÜN, 1996, P. 52)

No entanto, é urgente ultrapassarmos a concepção de educação que tem como foco principal os recursos naturais, enfatizando somente as perdas da biodiversidade, sem uma visão abrangente e assumirmos o enfoque holístico e com a atenção voltada para a complexidade.

A educação conservacionista tem privilegiado sobretudo a leitura de que perdas da biodiversidade significam grandes prejuízos econômicos. Mas a educação genuinamente ambiental não pode ser movida por perspectivas baseadas sobretudo em análises de custo-benefício, meramente monetárias, onde a natureza se resume a uma grande fábrica. Uma educação de fato ambiental deve ainda discutir os aspectos éticos das trajetórias e 'prioridades' que determinados ramos da ciência tomam, mostrando os interesses subjacentes a elas. (BRÜGGER, p. 91).

A complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Elementos diferentes são inseparáveis, constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico). (MORIN)

A cisão cartesiana entre a natureza e cultura é a base da educação moderna e é um dos grandes obstáculos para o sucesso de uma educação ambiental profícua. Pois, levar adiante a preservação ambiental permeada pelo paradigma cartesiano é praticamente impossível. (GRÜN)

Estamos diante de um desafio incomensurável, de proporções jamais vistas na história da humanidade, será necessário gestarmos uma civilização que tenha como meta para a educação uma prática criativa de liberdade participativa, e também como alvo a convivência, um exercício permanente de solidariedade. Nossa civilização consegue ignorar o fundamental de todas as questões – nossa própria sustentabilidade, ou seja, as próprias condições de possibilidade do futuro.

Educação Ambiental vista como dimensão ou modalidade de educação é uma visão errônea. Para a educação conservacionista, os ensinamentos conduzem ao uso racional dos recursos naturais e à manutenção de ótimo nível de produtividade dos ecossistemas

naturais ou gerenciados pelo homem.

A divisão do saber em partes estanques tornou-se prática e necessária para atingir os objetivos educacionais de um sistema de ensino que nada mais é do que uma faceta de uma determinada visão de mundo que também é fragmentada.

Urge avançar em relação à concepção de desenvolvimento sustentável - aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades. (CMMA, 1988, p.46)

Como já foi mencionado anteriormente a Educação Ambiental implica mudanças de valores, atitudes, ultrapassando a visão conservacionista e/ou desenvolvimento sustentável, pois trata-se de uma visão holística, considerando todos os aspectos da vida.

4 - A Geografia no contexto da Educação Ambiental

Ao longo da História, os seres humanos se organizam em sociedade e vão produzindo sua subsistência, produzindo e organizando seu espaço, que vai se configurando conforme os modos culturais e materiais de organização dessa sociedade. O conhecimento geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos, ao conhecer o mundo em que vive, desde escala regional, nacional e mundial. Portanto, o conhecimento geográfico é indispensável à formação de indivíduos à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais.

O tempo em que estamos vivendo hoje é ao mesmo tempo irreversível, imprevisível e simultâneo. As práticas sociais realizam-se concomitantemente, num mesmo tempo e em espaços diferentes ou no mesmo espaço onde há tempos diferentes. Diante das características do espaço na contemporaneidade é preciso que os teóricos transitem entre a racionalidade e a irracionalidade, entre o objetivismo e o subjetivismo, entre a estruturação e a ação, entre o local e o global, entre a realidade natural e a social.

A Geografia, como ciência social, está diretamente ligada aos fenômenos socioeconômicos, culturais e políticos que têm caracterizado a sociedade contemporânea. Conseqüentemente, o meio ambiente e suas sérias implicações são objeto de estudo da Geografia que precisam ser tratados de modo interdisciplinar e conduzir os educandos à construção do conhecimento complexo, superando assim a compartimentação herdada pelo Positivismo. A manifestação dessa filiação positivista está na redução da realidade ao mundo dos sentidos, isto é, circunscreve-se o trabalho científico ao domínio da aparência dos fenômenos, e os estudos restringem-se aos aspectos do real, mensuráveis, palpáveis.

A Geografia Tradicional limitou-se à apreensão dos fatos referentes ao espaço descrevendo-os, enumerando-os como se cumprissem com a tarefa de um trabalho científico. Por esta razão, a Geografia tão almejada pelos geógrafos, na prática, sempre se restringiu aos compêndios enumerativos e exaustivos, de triste memória para os estudantes.

Nessa concepção, ficou evidenciado a idéia da existência de um único método de interpretação, comum a todas as ciências, tanto para as humanas como para as naturais. O homem iria aparecer como um elemento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como um fenômeno da superfície da Terra.

A Geografia é a única entre as ciências humanas a ter em conta os aspectos físicos do planeta (quadro natural). Aí surge a grande problemática epistemológica e metodológica desta ciência. Analisar os processos que se desenvolvem na natureza e na sociedade, individual e conjuntamente, é tarefa árdua e exige grande competência. Analisar ou trabalhar somente os fenômenos sociais, esquecendo do espaço físico sobre o qual eles se desenvolvem, é tão incompleto do ponto de vista geográfico, quanto analisar ou trabalhar o quadro físico de um lugar sem considerar as ações e relações humanas em seu contexto.

O empírico, valorizado pelo Positivismo, traduziu-se de diversas formas na Geografia, dentre as quais, os vários procedimentos, como a observação, a classificação e a generalização. O problema era que não se questionavam tais procedimentos, e o pesquisador descrevia os fatos *a priori* tidos como objetivos. Era essa objetividade que deveria ser apreendida pelo geógrafo sob a forma da descrição.

O Positivismo analisava a sociedade a partir de um método de fora, que era o método das ciências naturais, separando o sujeito e objeto do conhecimento, e privilegiando os fatos. Na Geografia, a natureza passou a ocupar o lugar da sociedade, o que caracterizava a inversão da realidade (VLACH, 1991).

Por um longo período, a Geografia revestiu-se de neutralidade explicando apenas os aspectos físicos e o homem era visto de maneira separada, pois não o considerava como participante e responsável pelas ações. Enfim, a filiação positivista levava a idéia da existência de um único método de interpretação, comum a todas as ciências, tanto para as humanas como para as naturais. O homem aparecia como um elemento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como um fenômeno da superfície da Terra.

Fica evidente dessa maneira que a Geografia, nesse contexto, não respondia a exigências da sociedade, pois o seu o ponto de partida era a sociedade em que vivemos, ou seja, as relações sociais que os homens estabeleceram/estabelecem entre si e com a natureza.

O ensino de Geografia precisa evidenciar a importância de cada indivíduo no contexto da sociedade. Assim, poderemos formar cidadãos conscientes e capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro, pois exercer a cidadania é ter o sentimento de pertencer a uma realidade em que as relações entre a sociedade e natureza formam um todo integrado, do qual ele faz parte, e portanto, precisa perceber-se como participante, responsável e comprometido historicamente com os valores humanísticos.

O atual período técnico-científico da história da humanidade interfere para além do econômico na organização da sociedade, confere novos significados aos indivíduos e à vida social, produz novas formas de ver e sentir o espaço. As mudanças vivenciadas no

contexto da sociedade globalizada têm influenciado o ensino de Geografia nas escolas, pois esta disciplina tem a preocupação de fornecer subsídios para que o aluno possa entender o mundo e inserir-se nele, e assim dar sentido ao seu dia-a-dia.

Novos valores e atitudes podem ser gerados. Precisamos assim, despertar em cada indivíduo, o sentido de pertencer, participar e ser responsável na busca de respostas locais e globais para a crise que enfrentamos.

Dessa maneira, o ensino de Geografia deve priorizar os momentos para análise da (re) organização espacial, bem como as transformações concretas e visíveis produzidas no meio ambiente, tais como crescimento acelerado, desorganizado das cidades, ampliação das fronteiras agrícolas, desmatamentos, enfim todas as modificações provocadas por uma sociedade. Essa proposta que tem como intuito trabalhar as categorias da Geografia e também partir da realidade do educando, prioriza o seu espaço de vivência, o que conseqüentemente dará significado ao seu dia a dia e até mesmo levando-o a pensar globalmente e agir localmente.

Vale enfatizar a importância do papel da Educação Ambiental, que evidencia a sustentabilidade sob uma ótica crítica voltada para uma prática transformadora da sociedade com o intuito de buscar uma sociedade calcada em novos paradigmas.

As causas da degradação ambiental e da crise na relação sociedade/natureza não se devem apenas pelo uso indevido dos recursos naturais do planeta, mas também, a nossa relação com o ato de produzir e consumir em alta escala. Nesse momento, estamos diante de situações como a necessidade da preservação da biodiversidade, conservação dos recursos naturais por meio de novas tecnologias e políticas compensatórias, tratados internacionais de cooperação e de compromissos multilaterais, ecoturismo, certificação verde de mercados alternativos, e também da superação da miséria, pobreza, uso de drogas, entre outras questões relacionadas à luta cotidiana pela sobrevivência e pela melhoria da qualidade de vida.

O desafio dos educadores e cidadãos é identificar como as questões globais que parecem distantes do nosso dia-a-dia nos atingem de uma forma ou de outra e como influir politicamente nesse processo. Esta é grande tarefa transpor da sala de aula para a vida atitudes que evidenciem a tomada de consciência em práticas concretas, em uma sociedade que tem como cultura que prioriza o ter.

Estamos, pois diante de um modelo que nos leva a uma maneira de viver “imposta” que por sua vez tem origem na produção capitalista, trata-se da agregação social formalizada por meio de bens culturais fetichizados e sob este domínio a sociedade se converte em objeto. A indústria cultural se opõe ao processo emancipatório, pois os indivíduos são assim induzidos a repetir “modelos” tidos como corretos. A semicultura apresentada como uma segunda natureza, é o fruto da dominação e da imposição hegemônica.

As dificuldades de emancipação nos dias de hoje são impossibilitadas em virtude da organização de mundo permeada por semicultura. Hoje, nenhuma pessoa pode existir na

sociedade vigente, conforme suas próprias determinações, ela vê-se ilhada em situações provocadas por um modelo que exige, modelos pré-definidos. (ADORNO)

A educação está falida, a violência e alienação social aumentaram, porque, sem perceber, cometemos um crime contra a mente de nossas crianças e dos adolescentes. Tenho convicção científica de que a velocidade dos pensamentos dos jovens há um século era bem menor do que a atual, e por isso o modelo de educação do passado, embora não fosse ideal, funcionava. (CURY, 2003, p. 59)

Estamos diante do excesso de informações que leva o indivíduo a não parar de pensar, pois essa avalanche de informações não permite que se elabore um pensamento crítico e conseqüentemente torna-se difícil ser uma pessoa emancipada.

Educação significa emancipação. Emancipação da situação atual onde os homens cada vez mais perdem o contato com a possibilidade do exercício da autoconsciência, e se transformaram em produtos semiculturais. (ZUIN, 1997. p 122)

A educação só tem sentido quando dirigida a uma auto-reflexão crítica. Educação deve ser a produção de uma consciência verdadeira e não a modelagem de mentalidades. Para que aconteça a democracia necessitamos de pessoas emancipadas. Emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade e orientação no mundo. (ADORNO)

O espaço natural vem passando por várias modificações, transformações de todas as maneiras, causando danos que para muitos parecem ser irreparáveis, pois as atitudes do homem são as de quem está diante de uma Terra com recursos infinitos. Hoje vivemos uma “crise ambiental”, que se revela nos problemas sócioambientais já citados anteriormente e que tem colocado em risco a qualidade e a existência de vida na comunidade planetária. Para minimizar esses problemas, são necessárias mudanças nas práticas de consumo.

Infelizmente, as questões ambientais não estão limitadas às transformações provocadas pelos seres humanos na natureza, estão relacionadas ao próprio espaço construído, espaço artificial onde as questões sociais, como o desemprego, a desigualdade social, o analfabetismo, são responsáveis pela qualidade de vida da população, espaço esse representado especialmente pelo espaço urbano.

A grande tarefa da Geografia, a ciência que estuda as relações entre o homem e o meio ambiente, o que lhe traz um grande compromisso e responsabilidade, é devolver à sociedade respostas para a questão dos problemas sócio-ambientais, decorrentes da ação dos seres humanos em seu espaço de vivência.

A educação ambiental deve consolidar-se como uma filosofia de educação, presente em todas as disciplinas existentes e possibilitar uma concepção mais ampla do papel da escola no contexto ecológico local e planetário contemporâneo.

No contexto da educação ambiental, a escola, todos os conteúdos e o papel do educador e educandos são colocados em uma nova situação, não apenas relacionada com o conhecimento, mas sim com o uso que fazemos dele e de sua importância para a

nossa participação política cotidiana.

As questões ambientais passam a fazer parte do cotidiano e do processo de formação das classes operária e popular, não no sentido de somente preservar a natureza, mas para que todos se conscientizem da importância do meio ambiente saudável tanto em sua particularidade como amplitude, pois considera que todo cidadão tem o direito de trabalhar em condições dignas.

A escola a ser reinventada urge contribuir para com as pessoas que sofrem de diferentes formas de exclusão e discriminação encontrem um “espaço” para que possam escrever sua própria história.

Ao construir a realidade, o todo é muito mais do que a soma das partes; para interpretar uma esfera da realidade, se legitimam algumas formas de saber, alguns conhecimentos, alguns indivíduos, enquanto se excluem outros; e se pretendemos compreender um fenômeno, não podemos fazer isto a partir de uma só disciplina ou de um único ponto de vista. (HERNANDEZ, 2000, p.16)

Em virtude do agravamento da crise ecológica, nas últimas décadas, evidencia-se de forma muito clara que a ação política atual não é a mais adequada à ordem existente e cabe ressaltar que os acontecimento mundiais são cada vez menos uma realidade internacional e cada vez mais uma realidade global.

Está evidente que se não modificarmos o atual modelo de desenvolvimento econômico e não produzirmos uma aproximação entre os critérios ecológicos e processos econômicos, a espécie humana corre sérios riscos de sobrevivência a médio prazo.

Assim, a função da escola não é a transmissão de “conteúdos”. Ela deve propiciar a construção da subjetividade para as crianças e adolescentes tenham subsídios para interpretar o mundo no qual vivem para escrever sua própria história.

Se cada indivíduo fizer a sua parte, o mundo ficará melhor, pensar globalmente, agir localmente é o lema dos ecologistas no mundo inteiro, neste contexto cabe ressaltar a importância de termos pessoas emancipadas.

E à geografia como ciência que estuda, analisa e tenta explicar o espaço produzido pelo homem cabe a tarefa de levar o aluno a perceber-se como participante do espaço que estude, e identificam que os fenômenos ali ocorridos são resultado da vida e do trabalho do homem.

É preciso que tenhamos respostas urgentes em uma proporção semelhante às mudanças ocasionadas, pois a crise chamada ambiental não é nada mais do que uma leitura da crise de nossa sociedade.

Está evidente que a atual crise ambiental é portanto muito mais uma crise de uma sociedade do que uma crise de gerenciamento da natureza. A questão ambiental é a relação da sociedade com a natureza e dos homens entre si. O surgimento da questão ambiental é nova, como também as tentativas globais de tomada de consciência ambiental e a mesma sempre esteve associada a fatores econômicos, políticos e culturais.

Infelizmente, em nossa cultura a consciência ecológica está perdida, pois o valor mais alto está associado ao trabalho que cria algo fora da ordem natural. No entanto, a

maior parte desse trabalho bastante valorizado está agora gerando tecnologias e instituições perniciosas para o meio ambiente tanto o natural como o social. Urge rever o conceito e a prática de trabalho de maneira que torne significativo e gratificante ao trabalhador e também que tenha utilidade para a sociedade e que seja harmonia com o ecossistema. (BOFF, 1982)

O ensino de Geografia do século XXI, deve deixar o aluno descobrir o mundo em que vivemos, com atenção voltada para a globalização e as escalas local e nacional, deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza, realizar com frequência estudo do meio e levar o educando a interpretar textos, fotos, mapas, paisagens.

O objetivo do ensino de geografia é alfabetizar o aluno na leitura do espaço geográfico, em diversas escalas e configurações e propiciar aos alunos um pensar dialético, que é um pensar em movimento e por contradição.

Entre o homem e o lugar existe uma dialética, um constante movimento, pois o espaço contribui para a formação do ser humano, e o homem com seus gestos, sua intervenção, seu trabalho, com suas atividades, transforma o espaço.

O espaço e as próprias percepções e concepções sobre ele são construídos na prática social.

O ensino de Geografia deve visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade. Neste século, para a prática da cidadania, requer uma consciência espacial. As questões globais, as atividades diárias atuais requerem do cidadão a consciência da espacialidade inerente aos fenômenos, fatos e acontecimentos de que participa.

Trata-se de possibilitar aos alunos a prática de pensar os fatos e acontecimentos mediante várias explicações. A participação de crianças e jovens na vida adulta, seja no trabalho, no bairro em que moram, no lazer, nos espaços de prática política explícita, certamente será de melhor qualidade se estes conseguirem pensar sobre seu espaço de forma mais abrangente e crítica.

O ensino de geografia, sintetizado na idéia de desenvolvimento do raciocínio geográfico, seleciona e se organiza os conteúdos que sejam significativos e socialmente relevantes. A leitura do mundo do ponto de vista de sua espacialidade demanda a apropriação, pelos alunos, de um conjunto de instrumentos conceituais de interpretação e de questionamentos da realidade socioespacial.

Ensinar conceitos à crianças e jovens apenas transmitindo a eles como definição pronta revela que não são eficientes, é sugerido ao professor que propicie ao aluno que ele mesmo forme conceito.

Considerações finais

O conhecimento do mundo é necessidade ao mesmo tempo intelectual e vital, é o problema de todo cidadão no novo milênio. O grande problema da educação está nos saberes desunidos, divididos, compartimentados e de outro, as realidades ou problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais e planetários.

A visão cartesiana está cedendo lugar para a visão sistêmica. O universo deixa de ser visto como máquina para ser visto como um todo, dinâmico, indivisível com todas as partes inter-relacionadas

Infelizmente, o aumento na quantidade de informações sobre os problemas ambientais que tem sido provido por sistema de vídeos e microcomputadores, e outros meios de obtenção de informações que são bastante eficientes não contribui para uma visão crítica e abrangente do problema. Urge que o meio ambiente seja visto sob sua dimensão sócio-histórica e também ética que perpassa pelo universo científico, técnico, socioeconômico e político. Infelizmente, o meio ambiente ainda é visto com uma redução à dimensão naturalista, fauna, flora, terra, ar e água.

“ Quando olhamos para o mundo à nossa volta, percebemos que não estamos lançados em meio ao caos e à arbitrariedade, mas que fazemos parte de uma ordem maior, de uma grandiosa sinfonia da vida. Cada uma das moléculas do nosso corpo já fez parte de outros corpos – vivos ou não – e fará parte de outros corpos no futuro. Nesse sentido nosso corpo não morrerá, mas continuará perpetuamente vivo, pois a vida continua. ... Com efeito, nós fazemos parte do universo, pertencemos ao universo e nele estamos em casa; e a percepção desse pertencer, desse fazer parte, pode dar um profundo sentido à vida.” CAPRA,2002, p. 82.

As inúmeras conquistas de sociedade humana são refletidas em todos os cantos do Planeta, no entanto o modelo adotado levaram a um desenvolvimento insano, evidenciando a injustiça, a desigualdade e a insensibilidade. Agora, experimentamos um profundo colapso de ética e de valores humanísticos, verificável em nossas atitudes diárias.

Precisamos praticar a Educação Ambiental de modo que se possa oferecer uma perspectiva da realidade global do ponto de vista científico, biológico, histórico, social, econômico, da filosofia, etc

Fazemos parte do todo, não somos os donos do planeta, temos responsabilidades com as gerações vindouras e temos de pensar no todo.

O desenvolvimento social deverá caminhar junto com o desenvolvimento econômico e também cabe ressaltar a importância de termos um ambiente saudável, ecologicamente equilibrado.

É incrível, mas a maior parte da sociedade humana, infelizmente vive como se fosse a última geração. A Educação Ambiental deve consolidar-se como uma filosofia de educação, presente em todas as disciplinas e possibilitar uma concepção mais ampla do papel da escola no contexto ecológico local e planetário contemporâneo.

É do conhecimento de todos que a saúde depende da pureza do ar que respiramos e da água que bebemos, e depende da saúde do solo a partir do qual são produzidos os

nossos alimentos, pois a nossa sobrevivência vai depender de nossa alfabetização ecológica, da nossa capacidade de compreender os princípios básicos da ecologia e viver de acordo com eles. Assim, a alfabetização ecológica precisa tornar-se constante nas propostas políticas, dos líderes empresariais de todas as esferas, e deve ser, em todos os níveis de escolaridade.

É exigido do homem hoje resguardar a qualidade da biosfera para garantir a própria sobrevivência. No entanto é possível identificar falhas na ordem econômica vigente pelas profundas falhas do sistema de livre mercado, que refletem nas economias ocidentais, induzindo a instabilidade da vida política, como também afetando a qualidade ambiental. Assim, é preciso que o modelo de oferta do sistema econômico converta-se num modelo de demanda que estruture o sistema de produção em função das necessidades básicas das pessoas; adequação tecnológica e de consumo. Isso só seria possível, com um agir de profundo respeito ecológico.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. Educação e emancipação. 2ª ed. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BOFF, L. **Saber Cuidar**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999

BOFF, L. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cutrix, 1982

CAPRA, F. **As conexões ocultas**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003

FAJARDO, E. **Ecologia e cidadania: se cada um fizer a sua parte...** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2003.

HERNANDEZ, F.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 1989.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2001. (Coleção Primeiros Passos: 292)

RODRIGUES, A. M. A utopia da sociedade sustentável. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, n.2, p. 133-138, 1º semestre de 1998.

VLACH, V.R.F. **Geografia em construção**. Belo Horizonte, Lê, 1991. 129p.

ZUIN, A. A S, PUCCI, RO(org). **A educação danificada**. Contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis: Vozes, São Carlos: Universidade